

A CIRCULAÇÃO COMO INSTÂNCIA RECONFIGURADORA DO JORNALISMO MIDIATIZADO

THE CIRCULATION AS A RECONFIGURING INSTANCE OF MEDIATIZED JOURNALISM

Demétrio de Azeredo Soster¹

Resumo: Observa-se, no artigo, como a instância circulação reconfigura o jornalismo midiaticado. Circulação aqui compreendida não apenas como lugar de passagem, ou mecanismo viabilizador de operações editoriais, mas como instância organizadora de uma nova “arquitetura comunicacional”, nas palavras de Fausto Neto (2010). Por esta visada, a circulação não apenas afeta os vínculos entre produtores e receptores como sugere a existência de novos modos de interação entre instituições, mídias e atores sociais. As reflexões são ilustradas com a análise de dois eventos. O primeiro deles envolve protestos ocorridos a partir de junho de 2013 em todo o Brasil. O segundo, ocorrido em fevereiro de 2016, no litoral argentino, diz respeito a um golfinho morto na praia.

Palavras-Chave: Mídiação. Circulação. Jornalismo. Jornalismo midiaticado. Reconfiguração.

1. Pós-doutorando pela Unisinos, professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Letras e Departamento de Comunicação da Unisc. E-mail: deazedososter@gmail.com.

Abstract: This study observes how circulation instance affects mediatized journalism. Circulation is comprehended here not as only a passage place, or enabler mechanism of publishing operations, but as organized instance of a new “communicational architecture”, words by Fausto Neto (2010). By this bias, circulation does not only affect the bond between producers and receptors as it suggests the existence of new interaction methods among institutions, media and social actors. The reflections are illustrated by an analysis of two events. The first of them involves protests that occurred from June 2013 throughout Brazil. The second one is about a dead dolphin body found on the beach in February 2016.

Keywords: Midiatization. Circulation. Journalism. Mediatized Journalism. Reconfiguration.

1 Circulação como instância organizadora

Quando a tarefa é refletir sobre as processualidades do jornalismo, os olhares voltam-se usualmente para o que ocorre entre a percepção dos acontecimentos, sua apropriação pelos jornalistas, a produção de conteúdo editorial, e, finalmente, a decorrente recepção/reconhecimento da matéria jornalística por parte de quem acessa os veículos. Ou seja, em direção aos longos e complexos caminhos por meio dos quais os acontecimentos sociais se transformam em relatos de natureza jornalística, à revelia de gêneros, formatos e suportes, até alcançar os leitores/ouvintes.

Pouco, ou quase nada, no entanto, tem-se refletido em torno da circulação de informações jornalísticas. Circulação aqui compreendida não apenas como lugar de passagem, ou mecanismo viabilizador de operações editoriais, mas como instância organizadora de uma nova “arquitetura comunicacional”, nas palavras de Fausto Neto (2010). Por esta visada, ela não apenas afeta os vínculos entre produtores e receptores como sugere a existência de “(...) novos modos de interação entre instituições, mídias e atores sociais” (Fausto Neto, 2010, p. 2). Insere-se, portanto, como base explicativa

do jornalismo midiaticizado, ou seja, aquele que é afetado pela processualidade da midiaticização, midiaticizando-se (Soster, 2009).

É dizer, por outras palavras, que pouco se sabe sobre o que ocorre entre o momento em que os dispositivos, após longos e complexos processos de enunciação, realizam, por meio de seus relatos, ofertas de sentido, e estas chegam às pessoas que com eles dialogam. É bem verdade que pesquisadores como Machado (2008) e Zago (2012), para ficarmos em dois, procuraram compreender a circulação na perspectiva do ciberjornalismo. E, nesta busca, refletiram sobre os modelos tradicionais de circulação a título de revisão bibliográfica. Mas, não houve muitas tentativas além dessas.

Isso tanto em relação a) à distribuição física de exemplares, observando especificamente os impressos – “(...) a circulação é uma das áreas menos tratadas pela literatura especializada, com prejuízos para a compreensão do jornalismo como um complexo de sistemas integrados (apuração, produção, circulação e financiamento)” (Machado, 2008, p. 21) –, como b) a visadas segundo as quais a circulação de informações é pensada antes como espaço gerador de potencialidades, no diálogo com Fausto Neto (2013), Ferreira (2013) e Braga (2012), que lugar de passagem por meio do qual os dispositivos dialogam.

Trata-se de ausências significativas, em especial se considerarmos que a circulação emerge, como sugerido acima, como categoria explicativa do processo de midiaticização do jornalismo. O gráfico abaixo procura ilustrar o que se está afirmando.

Nele, por meio de complexos processos de enunciação, os dispositivos jornalísticos realizam ofertas de sentido a quem com eles dialogam, relacionalmente. Quando emissão e recepção se “encontram”, instaura-se uma espécie de “zona de contato”, ou seja, uma área de processualidade complexa, indeterminada, de fluxo informacional contínuo, não previsível, circunscrita, no gráfico, pelas linhas pontilhadas. Nela, por sua vez, as “(...) intenções de origem perdem força, pois estão entregues a outras dinâmicas que fazem com que a produção e a recepção não possam mais controlá-las, bem

como os efeitos que presumem estabelecer sobre os discursos” (Fausto Neto, 2010, p. 9).

Esta “zona de contato” está em constante movimento e é permeável a injunções externas dos atores sociais, que podem se localizar tanto em outros sistemas como no ambiente em que os sistemas se encontram (Soster, 2016, 2015, 2015-a). É dizer, por outras palavras, que podem ser tanto pessoas que, por exemplo, tendo um celular, capturam imagens e as disponibilizam nas redes sociais, como especialistas de outras áreas que se valem de lógicas midiáticas para se manifestar. Ao se colocarem como sujeitos enunciadore, interferem em toda uma ecologia comunicativa assentada, historicamente, em modelos de oferta/procura de informações, reconfigurando lugares secularmente instituídos.

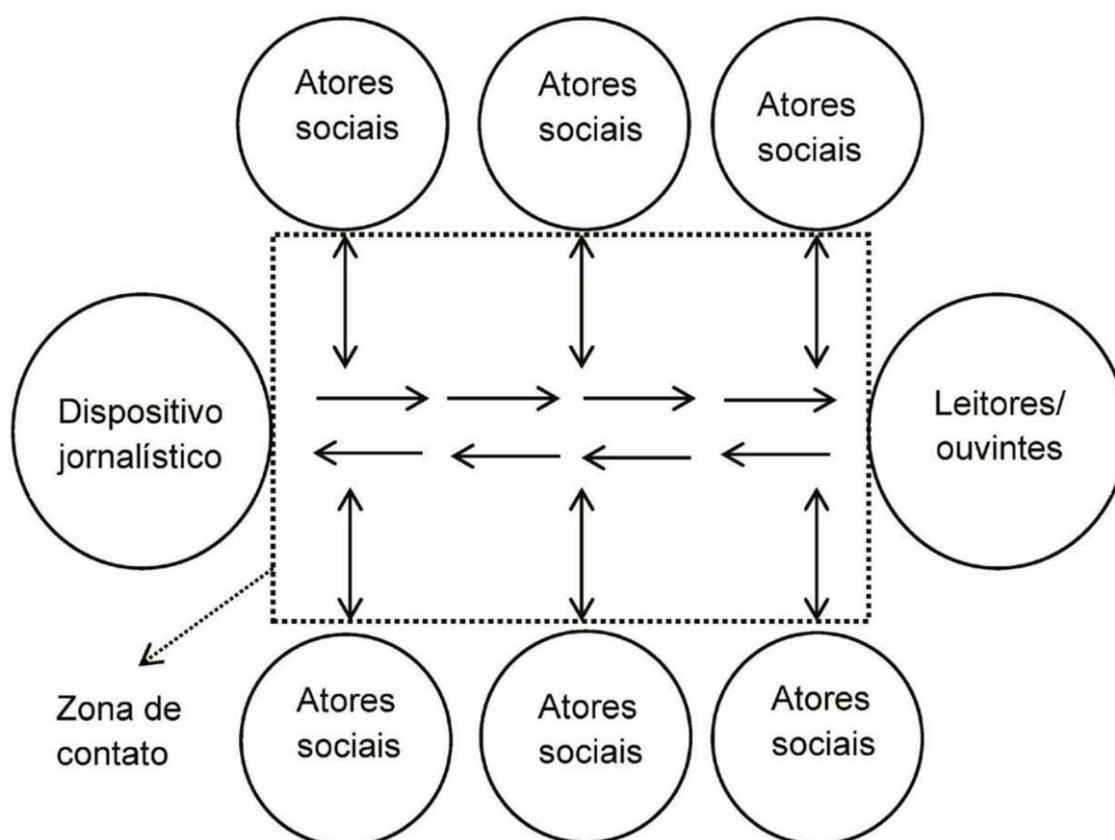


Figura 1: Circulação como zona de contato.
Fonte: Elaboração do autor.

É possível exemplificar, de forma sucinta, o gráfico acima com dois eventos: o primeiro deles, envolvendo protestos ocorridos a partir de junho de 2013, inicialmente em São Paulo, e depois em todo o Brasil. Quanto ao segundo, ocorri-

do no início do mês de fevereiro de 2016, no litoral argentino, diz respeito a um golfinho morto na praia. Cada um a seu modo, e resguardadas as peculiaridades, os dois acontecimentos foram reconfigurados em suas mais diversas instâncias pelo que ocorreu durante o processo de circulação das informações. Em ambos os casos, a atenção dos veículos de comunicação foi despertada por algo de pouco usual que ocorria na sociedade – os protestos nas ruas e um animal em extinção que teria sido morto por banhistas ávidos por uma fotografia. Mas, a partir do momento em que o acontecimento se transformou em notícia, e esta foi oferecida à sociedade, a circulação gradativamente interferiu em sua forma.

Segundo retrospectiva veiculada no site do Jornal do Brasil (Figura 2), o movimento se iniciou como uma manifestação em São Paulo contra os reajustes nos preços das passagens dos ônibus, metrô e trens, que passaram de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. Logo, mobilizou o país inteiro (Figura 3) e teve ampla cobertura midiática.

The image is a screenshot of the Jornal do Brasil website. At the top, it displays the newspaper's name 'JORNAL DO BRASIL' in large blue letters, with the date 'Quarta-feira, 5 de outubro de 2016' below it. A navigation menu includes categories like 'Capa', 'País', 'Rio', 'Economia', 'Internacional', 'Esportes', 'Ciência e Tecnologia', 'Cultura', 'Colunistas', 'Fotos e Vídeos', and 'JBlog'. The main headline is 'Retrospectiva 2013' with a sub-headline 'Retrospectiva - Manifestações de junho agitaram todo o país'. The article text discusses the impact of public transport fare increases in June, leading to nationwide protests. It mentions that the repression of these protests drew media attention and popular support. A small image shows protesters in Rio de Janeiro. To the right, there are several promotional banners, including one for 'RESPEITE OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE. A VIOLÊNCIA É O PIOR REMÉDIO.' and another for 'EMPRESA EM DIA SESI E SENAI.'.

Figura 2: Retrospectiva JB
Fonte: Jornal do Brasil²

2. Disponível em: <http://www.jb.com.br/retrospectiva-2013/noticias/2013/12/17/retrospectiva-manifestacoes-de-junho-agitaram-todo-o-pais/> Acesso em 5 de outubro de 2016.



Figura 3: Ruas são tomadas por milhares de manifestantes
Fonte: G1³

Inicialmente, os jornais, televisões, rádios e demais veículos de comunicação se limitaram a divulgar os acontecimentos de forma referencial, ou seja, realizando a cobertura do evento. À medida que as manifestações ganhavam proporções maiores e, portanto, tornavam-se mais complexas, a maneira como os dispositivos referenciavam os eventos começou a ser tensionada pelo que ocorria nas ruas. É o que se verificou, por exemplo, quando, diante das notícias e editoriais criticando as manifestações, os manifestantes começaram a se voltar contra a própria cobertura, depredando carros de veículos de comunicação e hostilizando os seus repórteres.

A reação imediata da imprensa que, até então, fora hostil aos protestos, em particular no que tinham de violentos, foi relativizar as manifestações de violência. Passou a atribuir as mesmas, agora, “a minorias”, e classificando os eventos como “pacíficos”. É o que demonstra da Figura 4, do G1.

3. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-reunem-mais-de-250-mil-pessoas.html/> Acesso em 5 de outubro de 2016

26/06/2013 21:00 - Atualizado em 26/06/2013 23:03

Milhares fazem protesto pacífico, mas vândalos depredam em BH

Segundo PM, mais de 50 mil participaram da manifestação na capital. Grupo radical invadiu bjas e deu início a incêndios.

Glauco Araújo, Pedro Trigovalti, Renato Freitas, Fabiana Storchevski
Da G1 MG

FACEBOOK TWITTER

RECEITA DE HOJE
BACALHAU E BATATAS
E FEITA POR VOCE!
+ CADASTRE-SE AGORA

BELEZINHA
CARNÊ

Minas Gerais

Veja onde estão

- Linhares tem multido de ações contra o Bamarão, no ES
há 1 hora
- Beleza colora quase 1,1 mil cidades em situação de emergência...
há 1 hora
- Jovem morre após ser baleado em via de Curitiba
há 1 hora
- Veja agenda de candidatos a Prefeitura de Belo Horizonte nesta quarta, 5/10
há 1 hora

Belo Horizonte +

Produto G1 +

PROVA AGENDADA UNIFENAS
EMERGENÇÃO

ATÉ ONDE VOCÊ QUER CHEGAR? AQUI COMEÇA SUA NOVA HISTÓRIA

Mais de 50 mil pessoas fizeram uma manifestação pacífica em Belo Horizonte durante a tarde desta quarta-feira (26). Mas o protesto terminou com depredação, saques e mesmo incêndio de lojas. As ações foram cometidas por um grupo radical. Até às 21h, a Polícia Militar confirmou 25 detidos suspeitos de vandalismo e outros crimes. Os armadores atiraram pedras e explosivos caseiros contra os militares. O confronto começou na Avenida Abrahão Caram, na Região da Pampulha, no entorno do Mineirão, onde Brasil e Uruguai disputavam semifinal da Copa das Confederações.

A manifestação se concentrou no início da tarde na Praça Sete, no Centro da capital, com muitas pessoas levando cartazes e faixas com pedidos de melhorias. No trajeto, a recomendação era a de respeitar o bloqueio da PM e não tentar chegar ao estádio.

Durante a tarde, quando a marcha se aproximou da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), vândalos com rostos cobertos subiram em direção à Av. Abrahão Caram, onde estava localizada uma das linhas de bloqueio da PM.

Figura 4: Protestos pacíficos, apesar dos vândalos
Fonte: G1⁴.

Nessa direção caminha, por exemplo, matéria veiculada no site do Portal da Imprensa⁵. O texto atribui a violência à forma como os protestos foram inicialmente tratados:

O documento indica que no início dos protestos de junho, os grandes veículos de comunicação fizeram uma cobertura, em sua maioria, negativa, que destacava apenas aspectos prejudiciais como os atos de vandalismo. De acordo com a ONG, a Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, por exemplo, publicaram editoriais que chamavam os manifestantes de baderneiros e vândalos, além de pedir maior atuação da polícia militar, o que influenciou a massificação dos atos. (2013, on-line).

4. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/milhares-fazem-protesto-pacifico-mas-vandalos-depredam-em-bh.html> Acesso em 5 de outubro de 2016.

5. Disponível em: <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/66218/relatorio+da+artigo+19+aponta+117+violacoes+contra+jornalistas+durante+protestos> Acesso em 5 de outubro de 2016.

Por meio deste exemplo, podemos observar o que está descrito no Gráfico 1. Algo ocorrido no âmbito da circulação não apenas interferiu nos processos de emissão e recepção, mudando tanto a forma como os eventos eram enunciados, a maneira como foram compreendidos, como trouxe novos atores à processualidade da informação. É caso da Mídia Ninja, cujo trabalho passou a ter mais relevância a partir dos acontecimentos referidos, como sugere a matéria do site DW (Figura 5):



Figura 5: Novos atores na cobertura midiática
Fonte: Site DW.⁶

2 Um golfinho na praia

Um outro exemplo, mais recente, e de menores proporções, mas representativo, ocorrido no verão de 2016 no litoral argentino, ilustra igualmente o que estamos dizendo. A 16 de fevereiro, o site de notícias argentino Infozona veiculou notícia⁷ dando conta que um golfinho morrera na praia de

6. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/ascens%C3%A3o-da-m%C3%ADdia-ninja-p%C3%B5e-em-quest%C3%A3o-imprensa-tradicional-no-brasil/a-16989948> Acesso em 5 de outubro de 2016.

7. Disponível em: <http://www.infozona.com.ar/santa-teresita-sacandel-mar-delfin-para-sacarse-fotos-con-el-y-muere/> Acesso em: 11 de junho de 2016

Santa Terezita, litoral argentino, depois que turistas, segundo o relato, o retiraram do mar para fazer *selfies* com o animal.

O texto, de caráter opinativo, informava que a avidez dos banhistas fora determinante para a morte do mamífero e que o caso viera à tona depois que um turista não apenas registrou como disponibilizou as imagens do golfinho morto na internet por meio de redes sociais. Na tela, em destaque, a foto principal mostrava dezenas de pessoas segurando acima de suas cabeças o golfinho; seguida, ao pé da página, de quatro fotos menores e uma sexta foto, onde o corpo do cetáceo era retratado morto, sobre a areia. Ao seu lado, a mão de alguém segurando um celular.

Santa Teresita: Sacan del mar delfin para sacarle fotos y muere
14 junio 16, 2016 | 794 reflexiones | [1 file guardado](#)

Sacan del mar a delfin bebé (franciscana) para "tocarlo", sacarse fotos con él y tras pasar varios minutos fuera del agua muere.



Ocurrió en Santa Teresita, cuando un turista sacó al mamífero para tocarlo y fotografiarlo.

La imprudencia humana se cobró una vida animal más. En este caso increíble, como se observa en las fotos, un grupo de personas rodeó a un hombre que tenía a un delfín bebé en sus brazos, en las playas de Santa Teresita.

Las fotos se viralizaron por la web y fueron subidas por un turista que quiso generar conciencia sobre el cuidado animal. Sobre todo, cuando se trata de especies marinas, donde parece increíble tener que aclarar que su hábitat es el agua.



En estas imágenes el cuerpo sin vida del pequeño delfín se amarraba abalanzado en la playa.



Comparte este artículo para concientizar a la gente que los animales marinos NO SE AGARRAN Y SE TIENEN QUE DEVOLVER AL MAR!

Figura 6: Golfinho aparece na praia
Fonte: Infozona⁸

8. Disponível em: <http://www.infozona.com.ar/santa-teresita-sacan-del-mar-delfin-para-sacarse-fotos-con-el-y-muere/> Acesso em: 11 de junho de 2016

Uma vez na rede, a notícia chamou a atenção dos demais dispositivos do sistema jornalístico e de outros sistemas, como os ligados ao terceiro setor, por meio de entidades vinculadas à preservação da natureza. É o caso da Função Vida Silvestre Argentina, que, a 16 de fevereiro, lançou relato⁹ em seu site lamentando o ocorrido e recomendando cuidado para com as espécies em extinção. Observe-se que, apesar de não ter um caráter “jornalístico”, o site valeu-se de lógicas operacionais comunicacionais, portanto midiaticizadas, ampliando, desta forma, a zona de contato neste momento em processo de formação.

No dia seguinte, 17 de fevereiro de 2016, o assunto viraliza¹⁰ e começa a ser divulgado em site e redes sociais, inclusive de outros países, caso dos jornais brasileiros Correio Braziliense¹¹, de Brasília, e Extra, do Rio de Janeiro (Figuras 7 e 8). Mas, também, em emissoras de televisão, programas de rádio e veículos impressos. No caso do relato feito pelo site do Correio Braziliense, por exemplo, é informado que o animal “(...) foi encontrado desidratado próximo ao litoral”.

O título do Extra, por sua vez, afirma categoricamente que o golfinho morreu após ser retirado da água pelos banhistas, como se observa nas imagens abaixo.

9. Disponível em: http://www.vidasilvestre.org.ar/sala_redaccion/?14420/Delfines-franciscanas-cada-uno-cuenta Acesso em 11 de julho de 2016

10. Ou seja, repercute, circula sem controle pela internet. Para saber mais: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marketing_viral

11. Disponível em: http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2016/02/17/interna_mundo,518290/golfinho-morreem-praia-argentina-e-turistas-se-juntam-para-tirar-self.shtml Acesso em 11 de julho de 2016

Golfinho morre em praia argentina e turistas se juntam para tirar selfies

Após toda a "festa" com o animal, ele foi abandonado na areia.



Postado em 17/02/2016 21:38 | Publicado em 17/02/2016 21:38
Abacardo Almeida 3



Uma foto que circula pelas redes sociais mostra uma cena chocante que ocorreu na praia de Santa Teresita, na Argentina. Uma multidão está em volta de um homem que segura um filhote de golfinho morto. Segundo o jornal *Daily Mail*, o mamífero, que era carregado como se fosse um troféu, foi encontrado desidratado próximo ao litoral.

Dezenas de pessoas, então, se aglomeraram para tocar o animal e tirar fotos com ele. Após toda a "festa" com o golfinho, ele foi abandonado na areia. O caso foi denunciado pela Fundação da Vida Selvagem da Argentina. Em um comunicado, eles disseram que essa espécie pode viver até 20 anos, mas é muito vulnerável.

Figura 7: repercussão no Brasil
Fonte: Correio Brasiliense¹².

17/02/16 21:38 | 17/02/16 21:38 | Compartilhar | 241 mil | 17 | 48 |

Filhote de golfinho morre em praia argentina ao ser retirado do mar para selfies com turistas

18 comentários

Comentários Encerrados

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os termos de uso, denuncie. Leia as perguntas mais frequentes para saber o que é impróprio ou ilegal.

Não consigo entender o ser humano...MEU DEUS!!! Como pode!? O pior predador da face da terra!!! Em vez de evoluir cada vez piora mais!? Que tristeza!!! Gente ruim, não pensam no sofrimento do...

CMPC, há 4 meses DENUNCIAR

Eu vi o vídeo. O golfinho estava vivo e nadando quando um argentino tirou ele da água. Se você tira um peixe ou golfinho da água, ele morre. Vídeo triste. Tive muita pena do golfinho. Mataram ele só para tirar...

Flavioleg, há 4 meses DENUNCIAR

Não acreditam em tudo que postam na internet, nem sempre é a realidade dos fatos.

Mestrquinte, há 4 meses DENUNCIAR

Figura 8: Morte na praia.
Fonte: Jornal Extra¹³.

12. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2016/02/17/interna_mundo,518290/golfinho-morreem-praia-argentina-e-turistas-se-juntam-para-tirar-self.shtml Acesso em 11 de julho de 2016
13. <http://extra.globo.com/noticias/mundo/filhote-de-golfinho-morre-em-praia-argentina-ao-ser-retirado-do-mar-para-selfies-com-turistas-18696278.html>

Os exemplos nos permitem observar que, no fluxo da informação, a participação de agentes “não midiáticos” – banhistas que encontram um golfinho, por exemplo – por meio de dispositivos como smartphones e redes sociais, interfere tanto no curso dos acontecimentos como na forma com que estes são referenciados pelos veículos de comunicação em seus processos de enunciação. É o que se verifica a partir do dia 17, quando a possibilidade de o golfinho ter chegado à praia vivo é aventada pela primeira vez. Isso ocorre a partir de um vídeo¹⁴ produzido por um banhista e veiculado no site do jornal Clarín, um dos mais importantes da Argentina.

Observe-se que o título se refere ao “aparecimento” do vídeo, sugerindo, em uma interpretação livre, que ele chegou à redação por meio de algum agente externo ao dispositivo. A dúvida quanto ao fato de o golfinho estar vivo ou não emerge na segunda linha do texto de apoio ao título: “Porém, não está claro se o cetáceo estava vivo ou morto antes de o retirarem da água¹⁵”.

Apareció el video del delfín que murió en la playa de Santa Teresita

Sigue la polémica Un turista registró el momento en que un hombre saca el animal del mar. Todavía no está claro si el cetáceo estaba vivo o muerto antes de que lo extrajeran del agua.



En Santa Teresita hubo polémica porque investigan si murió porque lo sacaron del agua.

Figura 9: O golfinho estava morto ou vivo?
Fonte: Clarin¹⁶

-
14. Disponível em: http://www.clarin.com/sociedad/Aparecio-delfin-murio-Santa-Teresita_0_1525047838.html Acesso em 11 de julho de 2016
 15. Tradução do autor.
 16. Disponível em: http://www.clarin.com/sociedad/Aparecio-delfin-murio-Santa-Teresita_0_1525047838.html Acesso em 11 de julho de 2016

Deste ponto em diante, a hipótese de o animal ter chegado à praia efetivamente morto, contrariando a informação inicial, não apenas é assumida pelos relatos jornalísticos como ganha força a partir do testemunho do homem que o retirou do mar, o banhista Hernán Coria, que o faz em entrevista¹⁷ à tevê argentina “Telefe”.

O relato traz consigo duas informações importantes: que um segundo turista havia feito a mesma revelação (sobre a morte do animal) por meio do facebook e que o fato ficava claro em um vídeo publicado no youtube e veiculado na matéria no corpo da matéria. Ao acessá-lo, no entanto, somos informados que o mesmo não está mais disponível: “Turista agarra delfin bebe ...’ Este vídeo não está mais disponível devido à reivindicação de direitos autorais CARLOS JAVIER SOLIS. Desculpe.”

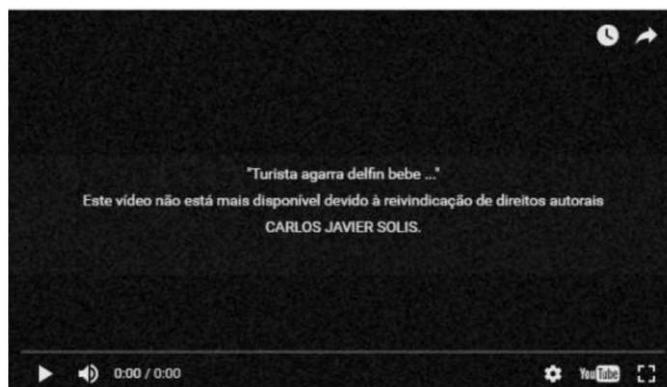


Figura 10: Vídeo bloqueado
Fonte: Youtube¹⁸

É nesta “zona de contato” – no Gráfico 1 delimitada pelo quadrado central pontilhado – que a circulação se estabelece como instância reconfiguradora da atividade jornalística. A hipótese é que as ofertas de sentido que decorrem dos processos de enunciação dos dispositivos são fortemente permeadas por injunções as mais diversas, de natureza sócio-técnico-discursivas, que não apenas se interpõem no espaço de diálogo pretendido entre dispositivos e públicos-

17. Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=turista-diz-que-golfinho-ja-estava-morto-ao-ser-vitima-de-selfies-video-mostra-confusao&edt=25&id=415856>
Acesso em 11 de julho de 2016

18. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RIQFaVVYyG4>
Acesso em 15 de julho de 2016.

-alvo como são capazes de reconfigurar, como dito, tanto os polos de emissão e recepção como a atividade jornalística como um todo.

3 O que a circulação representa ao jornalismo

A circulação midiática, na perspectiva que estamos tratando aqui, opera igualmente como um dispositivo; portanto, nem meio e nem mensagem:

É um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção, e, ao mesmo tempo, passagem e meio. Nesse duplo movimento observa-se um deslocamento/reescalonamento, instalando novas lógicas de classificação em contextos interacionais em que está inserido. (Ferreira, 2013, p. 147).

Compreender a circulação dessa forma implica admitir que estamos diante da necessidade de novas gramáticas interpretativas, à medida que os cenários de análises são antes assimétricos que simétricos. Onde a linearidade dá lugar à heterogeneidade e dissolve-se, entre outras, as noções de equilíbrio e causalidade.

Os intervalos, enquanto regra naturalizada, devem ser lidos como complexa processualidade, enfeixando relações sobre as quais não se detém o controle de suas dinâmicas. A própria existência, trajetos e efeitos dos vínculos que reúnem produção e recepção, resultam do “aparelho circulatório”, enquanto efeito de suas próprias disposições, na medida em que é este último quem define e impulsiona sobre quais condições se fundem as operações de sentidos. (...) no lugar da passagem automática – da produção à recepção, conforme pleiteava a “teoria das intenções” – emerge uma nova zona. Nasce

das franjas das fronteiras (Fausto Neto, 2010, p. 9).

É nessa direção que caminha igualmente Braga (2012), quando salienta que pensar a circulação implica reconhecê-la tanto como espaço de possibilidades, como de investigação.

Nessas circunstâncias, já não é tão fácil distinguir “pontos iniciais” e “pontos de chegada”, produção e recepção como instâncias separadas. O que, aliás, nos faz perceber que tal construção decorre mais de uma condição histórica específica (a fase de implantação dos meios de massa) do que uma pretendida “natureza do processo interacional – que, pela própria etimologia da palavra, enfatiza antes a indistinção dos papéis que uma especialização por “estrutura”. Ou seja, o exercício de diferentes ações, as assimetrias e supressões, devem ser relacionadas antes a cada tipo de interação, assim como seus contextos significativos; e não uma pretendida lógica interacional no interagir. (Braga, 2012, p. 40).

Observe-se que as perspectivas não são excludentes. Ou seja, compreender a circulação jornalística antes como uma zona em que gramáticas são reconfiguradas do que como percursos que se complexificam, como estamos propondo a partir de Fausto (2010), Braga (2012) e Ferreira (2013), implica considerar, na visada, as questões espaciais, ligadas ao fluxo de informações. Tem a ver, portanto, com o caminho percorrido pela informação e com as apropriações que se verificam ao longo do percurso, mas, principalmente, com a compreensão de que se trata, a circulação, de uma instância em que processos de enunciação, portanto de sentidos, têm lugar.

Semelhanças e dessemelhanças operam no escopo do sentido. Este último, por sua vez, não se restringe ao campo semântico nem se con-

funde com a verdade que o conhecimento científico busca estabelecer. O sentido é uma marca de limites ou se um possível, do qual não se sai. Apresenta-se como a força ou o trabalho que permite o movimento dinâmico dentro de um sistema, tanto para produzir significação como para exterminá-la. Por ser um limite insuperável, é algo que se autoengendra: ele é a sua própria condição, sem pré-requisito formais para a sua existência. (...) O sentido está presente em qualquer lugar em que se deem diferenças, só que ele não é a diferença, mas a sua condição de possibilidade. (Sodré, 2014, p. 271).

Se isso ocorre; se as enunciações provocam diferenças e as diferenças, sentidos; é porque se trata, como já se disse, de um lugar marcado por relações de natureza complexas; não lineares. É o que se observa quando atores sociais são capazes não apenas de interferir na forma de funcionamento do sistema jornalístico, sem estarem “autorizados” para tal, como se integrar a este e tomar para si responsabilidades que até há pouco eram exclusivas de dispositivos jornalísticos, alterando o fluxo dos acontecimentos.

Isso ocorreu, por exemplo, quando alguém disponibilizou, pela primeira vez, na internet, fotos e vídeo do golfinho sendo retirado da água por banhistas ávidos por fazer *selfies* com o animal. Não se trata apenas de uma mudança na forma como as informações circulam no sistema, haja vista que se trata de uma oferta de sentido feita por alguém que tomou para si o papel de emissor, sem estar legitimado, do ponto de vista institucional, para isso.

Tem-se, aqui, um movimento em que um elemento (a tecnologia) é intercalado entre o sujeito e a ação que realiza, mas também, uma mudança na forma como a sociedade dialoga com ela mesma, de natureza midiaticizada (Braga, 2012). É desta perspectiva que são analisados os acontecimentos.

Ainda que os processos interacionais mais longamente estabelecidos – da ordem da oralidade presencial e da escrita em suas múltiplas formas

– continuem a definir padrões de comunicação, e lógicas inferenciais, que organizam a sociedade e suas tentativas, tais processos, em sua generalidade, se deslocam para modos mais complexos, envolvendo a diversidade crescente da mediação – o que é bem mais amplo e diversificado do que referir simplesmente o uso dos meios (Braga, 2012, p. 35).

Observe-se que a emergência de novos atores no processo de circulação de informações retirou dos dispositivos jornalísticos, em decorrência do que foi afirmado, o protagonismo das ofertas de sentido. Não quer dizer que eles deixam de ter capacidade de enunciação, mas que passam a dividir espaço com outras instâncias enunciativas.

É afirmar, por outras palavras, que estes, por mais de uma vez, tiveram de mudar o rumo de sua cobertura a partir da interferência, no fluxo de informações, de atores e não de dispositivos, caso dos sites noticiosos. Isso ocorreu, por exemplo, quando, depois de a notícia original estar circulando, alguém “corrige os repórteres” dizendo que o golfinho estava morto quando foi resgatado pelos banhistas.

Não será alongada esta análise, haja vista os constrangimentos espaciais. Mas deve-se observar, a título de encerramento, que a passagem entre o acontecimento e sua mediação; e, desta, para a decorrente reconfiguração da narrativa, se dá pelo viés da produção discursiva, como apontou seminalmente Fausto Neto (2013). Ou seja, pela interferência da circulação na linguagem.

(...) a linguagem possibilitaria, por sua especificidade, pelo menos duas operações: a primeira trata-se da exteriorização do dizível em forma, na condição de textos presos a lógicas e gramáticas. E a segunda, que se constitui numa operação que se dá em um âmbito de determinado processo circulatório, quando põe em marcha a atividade significativa da qual emergem as regras através das quais a linguagem se transforma em atividade geradora de discursividade. (Fausto Neto, 2013, p. 50).

Encerra-se dizendo que, a partir da a) exteriorização do dizível, mas, também, b) da geração de discursividade, tem-se condições, então, de pensar os processos de enunciação. Esse pensamento segue na perspectiva, quem sabe, da narratividade, o que implica considerar, na análise, o papel do observador nesta processualidade, desafio que convoca às próximas reflexões.

Referências

- BERGSON, H. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BERTALANFFY, L. *Teoria geral dos sistemas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: J. JANOTTI JÚNIOR *et al.* *Mediatização & midiatização*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.
- FAUSTO NETO, A. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: J. L. BRAGA *et al.* (Org.) *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. v. 1. 43 p.
- _____. As bordas da circulação. In: *Mediatización, sociedade y sentido: diálogos entre Brasil e Argentina*. Coloquio del Proyecto “Mediatización, sociedade y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos. 2010. Universidad Nacional de Rosario, Argentina. Anais... Departamento de Ciencias de la Comunicación. 2010.
- FERREIRA, J. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (Org.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. v. 1. 182 p.

- LUHMANN, N. *Introdução à teoria dos sistemas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MACHADO, E. Sistemas de circulação no ciberjornalismo. *Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 21-37, 2008.
- MARCONDES FILHO, C. *O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica*. Nova teoria da comunicação III – Tomo V. São Paulo: Paulus, 2010.
- MOUILLAUD, M. O jornal da forma ao sentido, Brasília (DF): Paralelo 15, 1997.
- RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- SODRÉ, M. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SOSTER, D. A. *A literatura, o sistema midiático e a emergência do quarto narrador*. Signo (UNISC. Online), v. 1, p. 154-161, 2016.
- _____. O sistema como quarto narrador do jornalismo. In: A. C. R. P. TEMER; M. SANTOS (Org.). *Fronteiras híbridas do jornalismo*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015, v. 3, p. 161-176.
- _____. O quarto narrador, a morte da editora e a midiaticização das narrativas. In: 13º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo, Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Anais...* 2015.
- _____. *O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos*. São Leopoldo: Unisinos, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.
- ZAGO, G. S. *Circulação jornalística potencializada: o twitter como espaço para filtro e comentário de notícias por interagentes*. C&S – São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, p. 249-271, jul./dez. 2012.

